

Resumo

Trata-se de dar uma visão sintética e desenvolver uma reflexão a partir dos resultados, para publicar em 2017, obtidos graças à recensão bibliográfica dos livros de medicina impressos em Portugal entre 1601 e 1700, que acabei de estabelecer. Esta intervenção inscreve-se nas minhas investigações sobre a história do livro médico em Portugal nos séculos 16 e 17, no cruzamento dos campos da história do livro e dos textos e do da censura científica inquisitorial. As questões para abordar abrangem uma apresentação dos autores e dos conteúdos, o questionamento sobre o mercado do livro médico tendo em conta as principais condições do seu funcionamento, entre as fases de produção e de difusão/recepção, e finalmente uma perspetivação (século 18).

This paper intends to give a full view and to reflect about the results obtained thanks to the complete bibliography of medical books printed in Portugal between 1601 and 1700, a work I have recently achieved. This intervention lays within the framework of investigations that are situated at the crossroads of the history of books and texts and of scientific inquisitorial censorship. The issues in achieving cut across authorships and contents, the question of medical book market, taking into account the main operating conditions, between the phases of production and diffusion/reception, and finally a historical perspective (18th century).

1. Antes do século 17

1.1 O séc. 15 (incunábulo) e 16 **diapo 1**

O 1º impresso médico português é o tratado contra a « pestilência » de Johannes Jacobi (1384) traduzido do latim por Luís de Raz : *Regimento proveytoso contra ha pestenença* (Lisboa, Valentim Fernandes, [1496], in-4º). Teve várias edições e traduçõesⁱ. De 1513 a 1598 foram 22 ediçõesⁱⁱ, ou seja, para o século que inaugura a história do livro médico impresso em Portugal (1496-1598), chegamos a um total de 27 itens.

2. O século 17 (1601-1700)

2.1. Generalidades **diapo 2 (impr. + MS)**

O número total de itens impressos (livros e folhetos) é de 98ⁱⁱⁱ, representando um aumento de 285% em relação ao período anterior.

Podemos comparar com a situação espanhola : para o período 1475-1600 : 422 itens^{iv} ; 1601-1700 : 728, ou seja um aumento no séc. 17 de 72%, *i.e.* comparativamente quatro vezes menos do que em Portugal.

Este diferencial entre os dois países produtores deve-se a vários factores internos e externos, destacando-se assim a asimetria :

- o abrandamento da produção seiscentista espanhola^v ;
- a aceleração da produção portuguesa reflete a recuperação em relação à

grande fraqueza anterior^{vi}.

2.2 O mercado do livro médico português : o predomínio da importação

Numa perspetiva geral, a categoria do livro médico conta por muito pouco no total da produção impressa (sempre menos de 1%). Portanto, as necessidades bibliográficas eram massivamente cobertas pela circulação dos livros impressos fora do país. A análise de dois fundos antigos bastante homogêneos quanto à sua história, confirma este dado **diapo 3**



Em termos de percentagens : BMUP = 10,33%^{vii} e BMUC : 4,2%^{viii}. BMUL ?

Deve-se salientar a ausência de alguns tipos de livros de medicina na produção nacional :

- a inexistência de edições humanistas (textos dos clássicos grego-romanos ;
- a extrema raridade das ilustrações, frequentes nos gêneros da anatomia, cirurgia, química médica e nos herbários. **diapo 4 diapo 5**

2.3 Um olhar sobre a circulação do livro português fora do país

576 exemplares foram localizados conforme 3 níveis geográficos (A : Portugal, B1 : Espanha, B2 : resto do mundo).

A : 378 ; B1 : 70 ; B2 : 129

Estes dados configuram a dimensão local (A = 65,6%) e peninsular (A+B1 = 77,7%) deste mercado.

Historicamente, aparece que de 1601 a 1640 (Independência) os dois terços dos exemplares localizados em bibliotecas espanholas são edições anteriores a 1640. As línguas de publicação também confirmam Lisboa (73% do total da produção de livros

médicos no séc. 17^{ix}) como lugar de produção não só local mas também de alcance ibérico. É-de acrescentar que os três primeiros títulos com mais exemplares localizados até hoje são obras escritas em castelhano e impressas em várias cidades do país (Nunes : Coimbra, 1601 e **diapo 6** Sabuco : Braga, 1622 Bracamonte : Lisboa, 1642).

3. Reparos sobre os conteúdos

3.1 A questão linguística

Como na maior parte da Europa, o latim perde a sua hegemonia perante as línguas vernaculares. No séc. 16 representa 77% da produção impressa (3/4), no séc. 17 desce para menos de 30% (1/3) (= um decréscimo de mais de 60%).

6 obras foram impressas em espanhol (castelhano), das quais uma só depois de 1640, dado que se deve juntar ao ponto 2.3 acima e que perspectiva uma forte descida da dimensão peninsular, pelo menos neste sector do mercado.

3.2 Uma política de reedições

Este aspeto leva a insistir sobre o carácter geralmente pouco arriscado e pouco variado da produção livresca de teor médico.

O aumento da produção do séc. 16 para o 17 assinalado anteriormente deve-se em boa parte a esta prática. 44 títulos em 95 são abrangidos (= 46,3% do total da produção). Se tomamos em conta o indicativo dos exemplares localizados, representam um terço do espólio conservado (183 exemplares em 576 = 31,8%).

diapo 7 Dado o número de reedições conhecidas, são seis os títulos (em verde) que constituem os « best sellers » deste mercado por terem sido reeditados mais que duas vezes ; os três restantes (em azul), ao lado de mais três da primeira categoria, continuaram a sua carreira no século 18.

3.3 Quais foram as áreas abrangidas pela produção portuguesa de livros médicos ? Como se vê com os best-sellers, a maioria dos textos totalmente dedicados à medicina tratam dela como uma arte prática, cirurgia, terapêutica. A ausência de edições ilustradas, já assinalada, vai de par com a ausência das disciplinas correspondentes (anatomia, química médica, herbários).

3.4 A questão da censura

Três tratados foram alvos de microcensura (expurgação, ou proibição de parte do texto) : dois Portugueses e uma Espanhola – Cabreira, Sabuco e Sequeira **diapo 8**. A sua indexação é feita pela primeira vez pelos censores portugueses, aparecendo no Index de 1624^x e reproduzidos nos seguintes publicados em Espanha (1632, 1640, etc.). Os conteúdos suprimidos por ordem da Inquisição são de teor teológico (Sabuco), atrológico (Sequeira) ou remédios considerados supersticiosos (Cabreira, antologista e tradutor do tratado medieval *Thesaurum Pauperum* de Pedro Hispano, futuro papa João XX).

4. Quatro pontos em conclusão :

4.1 O mercado interno, o primeiro visado pela maioria dos editores, é constituído pelo pessoal mais ou menos qualificado encarregado da higiene e saúde públicas. Uma boa parte dos livros médicos são antes de tudo manuais e foram utilizados na rede hospitalar e nas comunidades como os conventos, colégios, etc.

diapo 9

4.2 A bibliografia reflete a não-recepção ou a recepção tardia das teorias contemporaneas como o atomismo, o paracelsismo (ou química médica) e o mecanismo.

4.3 Considerando só o lado da produção livresca e da circulação fora das fronteiras do país, pode ser avaliada como muito restrita. Alguns tratados atravessaram as fronteiras, como o de Arrais, parcialmente reproduzido num tratado baconiano (Roger Bacon) em Londres. O de Morão, que trata da etiologia da febre amarela, juntando-se à contribuição portuguesa para a descrição das doenças novas do além-mar. O tratado de Paggi foi impresso em Lisboa mas antes de tudo virado para o mercado italiano, sendo o autor embaixador da República de Genova em Portugal.

4.4. **diapo 10** Enfim, a questão, sempre debatida, do contributo humano e bibliográfico da medicina portuguesa implica medir a importância da persecução e daí o exílio de muitos deles tornados célebres e influentes (Amato e Zacuto Lusitano, Rodrigues de Castro, Estevão Rodrigues de Castro, etc.). Isto é um assunto chave da história medicina à qual a nossa perspectiva traz alguns elementos significativos.

ⁱ Ver a edição crítica feita por Marinalva Freire da Silva, UCM, 2002 (pdf online).

ⁱⁱ Fonte : IB (<http://iberian.ucd.ie>) ; a bibliografia de Anselmo (1926) listava 13 títulos.

ⁱⁱⁱ + Alexandrino, 1618 ; + 9 bibliographical ghosts.

^{iv} Fonte : *BMH*. Total de 637 menos as obras impressas fora de Espanha (215).

^v On the « decline » and « stagnation » of the Spanish book market in the early modern times, see Buringh and Van Zanden, 2009, p. 423, 434.

^{vi} Fraqueza ainda patente no séc. 17 se consideramos que, tendo em conta a proporção entre o número de edições e a população, a produção portuguesa devia rondar a centena ; sobre este aspeto, ver H. Baudry, 'Medical publishing in Portugal in the first half of the seventeenth century: a good business?', *A Changing Book Market*, Alexander Wilkonson ed., Brill (to be published). Esta aceleração moderada confirma-se comparando a evolução entre os períodos de 1501-1600 e 1601-1650 neste sector (de 24 para 39 edições = 62,5%) com a da produção geral (de 1537 para 3818 edições = 148,4%).

^{vii} *Catálogo* : total 475 exemplares (– 30 livros não médicos).

^{viii} *Catálogo* : total 266 exemplares (– 5 livros não médicos).

^{ix} Seguida por Coimbra com 16,5%.

^x *Index Auctorum damnatae memoriae*, Ulyssiponæ: ex off. Petri Cræsbeck, 1624, in-fol., p. 595 (Sequeira), 916 (Sabuco), 1028 (Cabreira).